

# CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR NO CONTENTAMENTO HUMANO

## REMARKS ABOUT LOVE IN HUMAN CONTENTMENT

Lindomar Teixeira Luiz 1

**Resumo:** No presente texto procuramos refletir sobre o amor tendo como fio condutor o contentamento humano. Trata-se de um ensaio que procura pensar a questão do amor em diferentes universos. Para tanto se parte de uma discussão ampla sobre o amor: sua importância em nossa subjetividade, onde e como ele pode estar presente em nossas vidas. A seguir, analisamos o amor a partir de alguns itinerários conceituais, a saber, aspectos gerais sobre o amor, amor fraterno, amor paixão, amor próprio e amor amplo. Nossa análise procurou pensar algumas implicações socioeconômicas atreladas a esta emoção, para tanto nos subsidiamos de reflexões de várias ciências humanas, bem como da filosofia.

**Palavras-chave:** Amor. Paixão. Felicidade. Relação social.

**Abstract:** In this text we try to reflect on love with human contentment as guideline. It is an essay that attempts to think about the matter of love in different universes. In this means, we start from a wide discussion about love: its importance in our subjectivity, where and how it can be present in our lives. Hereafter, we analyze love from some conceptual itineraries, namely, general aspects about love, fraternal love, passionate love, selflove and broad love. Our analysis sought to think about some socioeconomic implications linked to this emotion, for which we subsidize reflections from various human sciences as well as philosophy.

**Keywords:** Love. Passion. Happiness. Social relationships.

## Introdução

Quando propomos escrever sobre o amor, nossa intenção era apenas associá-lo ao contentamento humano. Entretanto, à medida que começamos a refletir sobre o assunto, descobrimos que é algo muito complexo e se articula com inúmeros aspectos da existência humana. Por um lado, percebemos a existência de preconceito sobre este tema, parece que falar de amor denota algo de menor valor, secundário e alienante por si só: a produção acadêmica incipiente acerca deste tema talvez confirme esta hipótese. Parece-nos que é tido como um assunto banal, que se associa diretamente a futilidades, ou seja, é como se fosse algo que não pode ser pensado, discutido, refletido. Por outro lado, temos a impressão que todos se acham profundos entendidos sobre este atributo da nossa subjetividade, uma vez que ele está presente no cotidiano de todos nós. Muito se fala sobre o amor, mas será que se tem uma visão mais conscienciosa, mais reflexiva acerca desta emoção? A emoção nem sempre é amiga do pensamento, podemos *sentir* algo sem necessariamente *entender* suas implicações - sejam elas de quaisquer naturezas -, são coisas diametralmente diferentes: amar e ser amado, sofrer por amor ou ser feliz é bem diferente do que pensar sobre este sentimento. O presente ensaio não tem a pretensão de esgotar ou aprofundar sobre o tema, nada disso, o objetivo é oferecer subsídios para que possamos pensar e debater melhor sobre algo que consideramos de suma importância.

O texto está dividido em cinco partes. Na primeira, tecemos considerações gerais acerca do amor ressaltando os limites e as possibilidades dele se vincular ao contentamento do ser humano. Na segunda parte, apresentamos o conceito de *amor fraterno*, discorremos sua possível origem e como ele se manifesta em algumas relações sociais, enfatizando aquelas ligadas as classes sociais, a saber, a questão da ideologia do individualismo (classe média e alta) e da ideologia relacional (classes populares). Na terceira parte, abordamos o conceito *amor paixão*, visamos caracterizar e diferenciar os conceitos *paixão* e *amor* e, em seguida, analisamos algumas implicações desses sentimentos em nossa vida; destacamos ainda um importante aspecto para uma possível “qualidade” na relação afetiva: a escolha do amor. Na quarta parte, efetuamos uma reflexão sobre o conceito *amor próprio*, priorizando algo que é muito comum em nossa subjetividade, a saber, a valorização desmesurada de tudo que é inerente ao sujeito individual (quase sempre imaginamos *superiores* aos outros) ou o que lhe representa; pontuamos o caráter ilusório dessa tendência humana: a “superioridade”, na maior parte das vezes, é apenas vislumbrada pelos indivíduos. Na quinta parte, discorremos sobre o *amor amplo*, analisando prioritariamente a atividade laboral no que tange aos limites e possibilidades de se fazer o que se ama à luz de obstáculos sociais dos mais diversos.

## Aspectos gerais sobre o amor

O reconhecimento é uma gigantesca força motivadora em todos nós, ao seu lado consideramos que o amor (que também é uma forma de reconhecimento) é outra incomensurável energia impulsionadora do ser humano, há um forte desejo em todos nós de amarmos e sermos amados: amor é *coisa séria*, estrutura e desestrutura o sentido de nossas existências e, por isso, grande parte da nossa felicidade ou infelicidade está ligado a ele. Há um estereótipo positivo quando se fala de amor. O amor a uma pessoa (amor paixão ou amor sexual) não é uma panaceia, pode-se tê-lo e não ser feliz, assim como pode-se não tê-lo e viver muito bem, ou seja, não existe regra, porque a vida é complexa e dinâmica demais para nos limitarmos a elas. Hoje pessoas solteiras podem viver plenamente sua felicidade sem necessariamente a existência de um *amor paixão*, são pessoas em que não se tem mais preconceitos para sua opção de viver só, curtem muito sua plena individualidade e duvido se trocariam, sem arrependimento, sua vida pela de casados. Indubitavelmente que há pessoas frustradas solteiras, mas nesse sentido nossas vidas são muito democráticas, porque há felicidade/infelicidade também entre os casados e vice-versa. Além disso, quando se fala de amor - isto será discutido mais a frente - não podemos nos restringir ao *amor paixão*, pois existem outros tipos de amores tão prazerosos quanto este.

A relevância de algo se mede pela quantidade de sacrifícios ou loucuras que realizamos

por aquilo que desejamos. Quando amamos nos sacrificamos, vivenciamos sem medo momentos vexatórios, fazemos todos os disparates, estultices e coisas inimagináveis pelo amor que temos por alguém ou por algo. Também é verdade que as virtudes mais sublimes são decorrentes dessa forte emoção, que ao nos acometer agimos eticamente motivados por ela. Não se consegue conceber, por exemplo, alguém justo *sem amar* a justiça; um libertário quem não *ame* a liberdade; um democrata que não *ame* a democracia; aquele que se sensibilize com a dor do outro *sem amar* a compaixão; um profissional, de qualquer área, que realiza bem sua atividade ou se esforça para fazê-lo, *sem amar* o que faz; jogamos melhor ou nos esforçamos mais, quando *amamos* o jogo... a lista é muito longa. Sponville, filósofo francês, vai mais longe ainda ao asseverar que as ações morais se diferenciam das ações éticas a partir do amor, ou seja, a moral é orientada por dever, enquanto que a ética seria pelo amor, “por ‘moral’ tudo que se faz por dever, por ‘ética’ tudo que se faz por amor” (SPONVILLE, 2005, p.57). É claro que nem sempre quando nossa motivação é o amor, ou quando amamos algo, podemos necessariamente sermos éticos, no sentido de se respeitar a valorizar o ser humano. Assim, podemos *amar* o que não presta, o que oprime, o que humilha, o que degrada o ser humano: o exemplo mais notório seria o *amor* ao dinheiro. A ganância é a *cara* do amor ao dinheiro. Qual é a utilidade de existir, por exemplo, alguém que tenha 1 bilhão de reais (ou de dólares...)? Para se acumular esse montante, é óbvio que foi gerado pelo trabalho de muita gente, direta ou indiretamente, legal ou ilegalmente. Pouca coisa de bom traz um bilhão, traz sofrimento desnecessário para a grande maioria que ganha pouco e é espoliada pelos donos do capital; aquele que possui o referido montante quase sempre, com o seu poder, corrompe ou compra tudo aquilo que tiver a seu alcance, em detrimento da grande maioria população.

O amor é incondicional, não há necessariamente reciprocidade, o filho, por exemplo, pode odiar a mãe, mas ela o amará sempre, tem exceções é claro. Mentimos, trapaceamos, odiamos, vingamos, quase tudo fazemos para a felicidade de quem se ama, que é nossa felicidade; quase tudo fazemos para mantermos próximos de quem amamos; quase tudo fazemos para não perdermos quem se ama; os crimes mais bárbaros e os sacrifícios mais assustadores são realizados por esse sentimento, que é um dos mais impactantes de nossas almas.

Para viabilizar nossa reflexão separamos a amor em quatro tipos: *amor fraterno*, *amor paixão*, *amor próprio* e *amor amplo*. Amar é gostar profundamente de alguém (ou de algo...), querer-lhe o bem, se preocupar com quem se ama, procurar cuidar desse amor, com ações, comportamentos e falas; fazer de tudo para ver a felicidade desse alguém, que se confunde com a nossa felicidade. As vezes se ama sem que a palavra amor apareça entre os amantes, isto é, amar é - parafraseando Sartre - “tentar fazer com que você me ame”, é ação, atitude, está no olhar, na fala, no sorriso, no pranto, no silêncio, no contato com o outro. O contrário também nos parece verdade, é comum que a frase “eu te amo” esteja desprovida de qualquer sentido verdadeiro, porque são somente palavras vazias, ditas sem nenhuma base real, sem nenhum compromisso afetivo, sem nenhuma ligação com o bem-estar do outro. Não sejamos, evidentemente, tolos de pensar que quem ama está isento de fazer sofrer, de magoar, de ferir, de sentir inveja, isso é desumanizar totalmente a relação. O que estamos dizendo é que quem ama tende a cuidar, respeitar, agradar, ver o *outro feliz* para se *sentir feliz*. Em outras palavras, a *maior felicidade dos amantes é ver feliz quem se ama*.

## O Amor Fraterno

Nosso primeiro amor, o *amor fraterno* vem de nossa mãe ou de qualquer ser humano que cuide da gente. “Se pudéssemos ter pelo próximo, isto é, por qualquer um, uma espécie de amor incondicional que a mãe tem pelo filho, teríamos uma ideia do que é amor de caridade” (SPONVILLE, 2011, p.113). Obviamente que o contentamento da criança, quando acolhida e cuidada com amor, é crucial em inúmeros aspectos. Sua saúde, inteligência, seu equilíbrio emocional, sua autoestima etc. são caudatárias dessa fase importante de nossas vidas, por isso, a importância de afeto nesta fase vai muito além, ela irá repercutir direta ou indiretamente em outras fases, seja em aspectos positivos, seja em aspectos negativos. Famílias em precárias condições socioeconômicas afeta também a dimensão afetiva, isso não é uma regra, mas não

temos como descontextualizar a dimensão afetiva das outras esferas da vida. Nas famílias de extrema pobreza é muito comum “O desenraizamento em relação ao território, os sonhos não realizados, as perdas, o abandono sofrido... o trabalho infantil, a violência expressa por vitimações físicas e sexuais... “(FAVERO, CLEMENTE & GIACOMINI, 2009, p.128,). É na família que se vivenciam diferentes estados de pobreza, isto é, se a desigualdade é construída socialmente, ela é vivida e apresentada de *formas diferentes* no seio da família: o alcoolismo, a violência doméstica, o abandono e os maus tratos ao idoso, o desemprego entre outros. Outrossim é plausível que mesmo sob condições materiais favorecedoras existam famílias (famílias de classes sociais favorecidas) em que os maus tratos, a truculência e a negligência dos responsáveis possam predominar e, por conseguinte, vai repercutir na qualidade da relação afetiva entre os membros da família. Portanto, não tenhamos uma visão monolítica e fantasiosa acerca da família, pois ela não é homogênea e nem sempre é o lugar de desenvolvimento do *amor fraterno*.

Esse *amor fraterno* presente na família não se limita a ela, ele vai permear as relações de amizade e de parentesco de forma ampla. O contato intenso entre as pessoas com os seus grupos de referência (amigos, parentes, vizinhos etc) é crucial para o seu bem-estar, as pessoas se fortalecem por meio dos robustos vínculos afetivos que estão nos referidos grupos. Nessa linha, cabe registrar que nas classes populares (trabalhadora e pobre) tais vínculos são muito mais intensos e frequentes (ideologia relacional), diferentemente nas classes mais abastadas (classes médias e alta) onde a presença da ideologia do individualismo é mais acentuada, o que não significa dizer que não haja tais vínculos nesses grupos sociais em melhores condições socioeconômicas. Uma simples observada em moradores de bairros periféricos se nota a frequência e intensa comunhão entre os membros: parentes, vizinhos e amigos, em contrapartida nos bairros de segmentos sociais mais favorecidos, pouco se vê interação entre os membros moradores.

## O Amor Paixão

Se *amor fraterno* tem uma dimensão mais *relacional* (valoriza-se as relações de parentesco e amizade) no *amor paixão* o individualismo é marcante. O *amor paixão* se designa como um impulso natural para nos ligarmos afetivamente a alguém, que não pode ser *qualquer* alguém, tem que ser aquela pessoa, somente ela. É indiscutível que nossa felicidade/infelicidade está atrelada de forma visceral nessa relação afetiva derivada do *amor paixão*, que “nos proporcionou nossa mais intensa experiência de uma transbordante sensação de prazer, fornecendo-nos assim um modelo para nossa busca de felicidade” (FREUD, 1987, p.101) É algo que toma nossa alma de forma indelével, a gente fica anestesiado, entorpecido, o mundo parece que se limita àquela pessoa, o sentido da vida, a alegria, nosso tempo, nosso desejo, nossa esperança, quase tudo tem como eixo central aquela pessoa. Da onde vem isto? Porque somos tomados por uma avalanche de desejos por alguém? Temos algumas hipóteses, parecem-nos que três motivos engendram tais desejos. Primeiro, é algo que encontramos dentro da gente, “quem inventou o amor não fui eu, não fui eu, não fui eu e nem ninguém, o amor acontece na vida...” (Dorival Caymmi<sup>1</sup>), ou seja, é um instinto existente em nossa subjetividade de forma inata, expressando de modo diferente de acordo com a cultura e o meio social, contudo, presente desde de sempre no ser humano.

Segundo, não temos como alijarmos nossa experiência para elucidar esta emoção, por isso entendemos que nossa vivência na fase da infância - *amor fraterno* da mãe - é prazerosa, regada de segurança e afeto, por isso ela está ligado ao *amor paixão*. “O primeiro objeto do amor é a mãe” (GIKOVATE, 1984, p.54) É como se tentássemos reviver uma simbiose plena que tivemos no passado, no amor fraterno da mãe, agora com amor paixão: a sensação de segurança, amparo afetivo, o medo da perda, os ciúmes, são muito parecidos com a relação mãe e filho. O fato dos amantes de se chamarem no diminutivo, como se faz com os bebês é evidente, “xuxuzinho”, “queridinha”, “amorzinho”... Freud falava que tudo que saboreamos na fase infantil, procuramos de alguma maneira reviver, de forma substitutiva, esse prazer de

1 Este é um fragmento da linda canção de “Nem eu” de Dorival Caymmi.

maneira inconsciente, imperceptível. Diz Freud (1959):

Mas quem conhece a vida anímica do homem, sabe perfeitamente que nada lhe é tão difícil como a renúncia a um prazer que saboreou uma vez. Em realidade não podemos renunciar a nada, não fazemos mais do que trocar as coisas por outras, o que parece ser uma renúncia, é na realidade uma substituição... (FREUD, 1959, p. 117)

Ou seja, Freud, por exemplo, fala que Deus nada mais é do que o substituto do nosso pai, trocamos o pai biológico pelo pai celestial, uma vez que a segurança, amparo, proteção e eventual castigo do pai biológico (ou adotivo) é transferida para Deus pai.

Terceiro, nossa cultura de massas vem hipervalorizando o *amor paixão* de diversas formas, pois nascemos e crescemos ouvindo músicas românticas, lendo romances, assistindo filmes e novelas que abordam sobre o *amor paixão*, propagandas exploram ao extremo essa dimensão afetiva. É evidente que há padrões heterossexuais e, quase sempre, o *amor paixão* entre casais gays ou lésbicas são “aceitos” com ressalvas; e os valores burgueses estão acoplados ao universo romântico: individualismo, vida privada, ênfase no consumismo etc.

A marca da transição entre a infância e a adolescência é a descoberta do amor paixão e, é claro, a sexualidade genital. As primeiras experiências afetivas são vividas com cavalariagem de fantasia. Assim, o alguém que se tem afeto é *idealizado* sempre de forma positiva, ou seja, sua beleza, sua generosidade, sua elegância, sua inteligência, seu carinho etc. Também se fantasia a situação vivida e futuramente vivenciada, visto que os apaixonados têm a certeza que são realistas e o futuro promissor lhes aguarda.

Quase sempre há diferenças gritantes entre o casal apaixonado, contudo, ou as mitigam ou as ignoram totalmente, somente enxergam o que querem ver. Cada dia, motivados pela doce ilusão da paixão, fazem promessas que vão desde o *amor eterno* até a possíveis transformações em suas vidas etc. Planejam o futuro de pura felicidade de suas vidas, casa, filhos, amor, felicidade. Essa dimensão fantasiosa é fruto da predominância da *paixão* num primeiro momento, não do amor. A primeira tem a ver com posturas extremadas, agitação frequente, ansiedade, insegurança, mudança de comportamento, enfim somos tomados por um forte *desejo* à determinada pessoa, que somente é aplacado com presença desse alguém. Já o amor, que discutiremos mais a frente, o desenho se difere do da paixão. Precípua dizer que essas emoções parecem ocupar todos os espaços da existência dos apaixonados, ficam anestesiados, radiantes, empolgados, nunca sentiram nada igual! Indiscutivelmente que a paixão está presente de forma evidente mais entre os jovens, mas não é monopólio dessa fase, pois podemos nos apaixonar em qualquer fase da vida. Falar de paixão e felicidade não é tão simples. Por um lado, com a paixão, nos sentimos intranquilos, agitados, ansiosos... por outro, mais completos, alegres, estimulados... É como se a felicidade estivesse nesse “pacote”, nesse conjunto, ou seja, tanto nas rebordosas, quanto nos contentamentos. Felicidade não é somente prazer, é viver, aprender, rir, chorar, conviver, brigar, fazer as pazes etc., a felicidade dos apaixonados não se limita ao que há de agradável tem tal emoção. Felicidade é ter vivido experiências alegres, tristes, agradáveis e chatas. Acreditamos ser pouco provável alguém, mesmo vivendo todas as encrencas da paixão, gostaria de não tê-la experienciado. É claro que existem paixões altamente tóxicas, destrutivas e infelizes com assassinatos, suicídio, eminente sofrimento psíquico, não é disto que estamos falando.

A partir do momento que passamos a conviver por anos a fio com alguém, aquilo que era paixão, na convivência se constrói o amor, que pode ou não contemplar algo da paixão, mas quase sempre vai se tornando muito diferente. Os jovens imaginam que ficarão sempre apaixonados, terão o mesmo fervor, o mesmo encantamento... enfim o mesmo entusiasmo que a paixão: jamais! Para alguns fica chato porque é monotonia, para outros é interessante porque é serenidade, mas todos concordam num ponto: a vida seria muito pior sem a pessoa a qual você ama! O amor é igual ao oxigênio, quando estamos respirando não percebemos, mas quando nos falta, nos asfixia.

A felicidade na paixão, apesar de ser paradoxal, como apontamos, é talvez mais aces-

sível, porque em razão de ser fruto de grande fantasia ela depende muito pouco de outras variáveis a não ser a relação a dois. Já com o amor é diferente, talvez por tender a monotonia, as inúmeras esferas da vida devem estar satisfeitas muito mais do que na paixão. Ou seja, no amor não *engolimos* qualquer coisa como na paixão, é claro que isto não é uma regra. Ser feliz no amor implica ser satisfeito profissionalmente, ter vida social, ter amigos, convivência familiar, ter recursos econômicos para estar bem acerca da sobrevivência material. Além disso, a sapiência vem junto com a construção do amor, por isso somos mais exigentes e ao mesmo tempo mais compreensivos, lidamos melhor com frustração, sabemos dos limites de si e dos outros.

Com a vinda dos filhos há também significativa mudança na relação a dois, isto é, o foco se converge muito mais para eles do que entre o casal, o que faz uma *nova união* entre o casal, o que fornece uma motivação importante para a vida a dois. Aliás, sempre quando há algo feito pelo casal, juntos, é um fator importante para se conservar a relação de forma agradável, qualquer coisa: cuidar de filhos, de um negócio, de plantas, de animais, etc. É claro que com a chegada dos filhos, aqueles casais em que os membros são mais egoístas terão mais dificuldades em lidar com a nova situação, pois antes era somente o casal, *um para o outro*, agora são *eles* (casal) *para* o(s) filho(s). Outro ponto importante de se registrar é que na relação amorosa a frequente convivência com o cônjuge inevitavelmente o conhecemos melhor, podendo quebrar o encanto idealizado na paixão, ou seja, as pessoas são “perfeitas” quando não a conhecemos na intimidade. É possível que ao conhecermos melhor alguém deixamos de admirar e, por conseguinte, de gostar dessa pessoa, ou seja, nos vinculados a alguém *pelo que não é* e separamos desse alguém *pelo que é* (SPONVILLE, 2011). Também é muito comum se desrespeitar e agredir quem faz parte da intimidade e, paradoxalmente, tratar com cordialidade e respeito quem não convive no espaço privado. Mas, quem ama, agride, desrespeita? Achamos pouco provável, uma vez que amar é cuidar, se preocupar, respeitar..., contudo, essa visão pode ser muito simplista e etnocêntrica. Simplista, por um lado, porque o amor pode se *exprimir* de formas diferentes: há mães que colocam seu filho para a adoção por não terem mínimas condições de criá-los, amam menos seus filhos?; há pessoas que são controladoras, vivem tentando estar no comando da vida de seu cônjuge, amam menos?; há pessoas excessivamente ciumentas, as vezes agressivas, amam menos?; há pessoas em que a violência é motivada por valores tradicionais da masculinidade e para elas não se denota, em certas práticas, atos violentos, amam menos? Gikovate (1994) faz uma severa crítica àqueles que mesmo submetidos a maus tratos ainda amam o agressor, segundo o referido autor o *medo da felicidade*, que exalta o sacrifício e a disjunção entre emoção e razão explicam essas estultices, qual seja, amar quem lhe trata mal!. “as ‘razões do coração’ são lógicas e corretas. Elas funcionam perfeitamente bem na escolha dos amigos e ‘falham’ - por necessidades ligadas aos medos - na escolha dos namorados” (GIKOVATE, 1994, p.54). Concordamos com o autor: temos dificuldade de conceber amor com desqualificação do outro, quando você, por exemplo, ama suas orquídeas, você cuida, rega, poda, preocupa-se. Por outro lado, etnocêntrica porque as realidades socioculturais são múltiplas e não tem como deixar de ser etnocêntrico, à medida que nossa visão, nossa abordagem sempre será baseada em reflexões e situações socioculturais em que vivemos, o que pode não ser a maneira do outro viver, o que, portanto, é temerário julgar. Mesmo fazendo essa ressalva, acreditamos que havendo liberdade é muito pouco provável que o cônjuge possa se sentir bem sendo humilhado, maltratado e desrespeitado pelo seu companheiro (a).

Separamos amor de paixão, mas ambos estão profundamente interconectados. Paixão é amor em dose cavalariça, seu principal atributo é o excesso: os apaixonados querem ser ver *toda hora*, desejam-se *intensamente*, iludem-se *profundamente*. “A paixão entre os sexos, quando explode, é o nada que é tudo” (GIANETTI, 2005, p. 134). A qualidade da relação no amor é uma incógnita, mas existem algumas tendências que, entre outras coisas, começa pela escolha. Como escolhemos o outro? O ponto de partida para se escolher alguém começa pela *admiração* pelo outro, que pode estar ligada à beleza, inteligência, generosidade, extroversão etc. É muito comum admirarmos e sermos atraídos pelo outro a partir daquilo que *não temos* ou temos de forma precária, qualquer adjetivo, beleza, inteligência etc. (GIKOVATE, 1984). É como se

aquele atributo do outro preenchesse a lacuna existente na gente, isto é, por exemplo, se sou introvertido, e valorizo a extroversão, admiro e sinto atraído por alguém que seja extrovertido. Segundo Gikovate (1984), a escolha do parceiro segue o *script* acima descrito, *quase sempre* procuramos as diferenças<sup>2</sup>, *sempre* admiramos o que nos falta e nos sentimos completos em termos alguém que tem o que *valorizamos* e não temos. Ainda para supracitado autor, as escolhas por admiração do que não temos, denotam imaturidade, revelam que não lidamos bem com nossas limitações e isso é típico da fase da juventude. Assim, quando escolhemos, na juventude, a pessoa para vivermos juntos há uma tendência de fazermos escolhas equivocadas, que serão fruto de arrependimentos e outras encrencas derivadas dessa escolha. É como se tentássemos “retificar” um defeito presente na gente com a presença do outro que tem aquilo que nos falta. Contudo, se num primeiro momento era *objeto de admiração*, à medida que convivemos com o outro passa ser *objeto de inveja*, porque nos sentiremos inferiorizados e humilhados com o outro, que tem o que *gostaríamos* de ter (GIKOVATE, 1984). Evidentemente que viver com alguém em que nos sentiremos inferiorizados não é nada agradável, nada prazeroso, nada feliz. Escolhas mais sensatas são aquelas em que fazemos por afinidades, pois revela muito mais maturidade emocional, o que tende a serem melhores, uma vez que as diferenças são geradoras de atritos e desgastes nada interessantes (GIKOVATE, 1984). Ao escolhemos alguém, tendo como critério a diferença, imaginamos que vamos mudar o outro, moldar de acordo com nosso universo, nossos valores, nossas expectativas: ninguém muda ninguém, o máximo que fazemos é influenciar, mas não de forma acintosa. Alimentar essa ilusão só traz desilusão, perda de tempo, desgaste inútil, muito mais sensato é tentar compreender o outro, seus motivos, seus defeitos, suas virtudes e respeitá-lo *pelo que ele é* e não pelo que você gostaria que fosse. Tal postura não tem nada a ver com um fatalismo insensato, ou seja, o “outro é assim e pronto”, nada disso, partimos da premissa que faz parte do amor querer que o outro se aperfeiçoe, melhore, isso é bem diferente de tentar “moldá-lo”, que denota uma postura autoritária, hierárquica, enquanto que a pratica dialógica se faz presente quando se respeita e se procura que o outro evolua em todos os sentidos.

Há uma outra forma de *escolha do amor* que é num plano sociocultural. Vamos nos subsidiar de conceito *habitus* do sociólogo Bourdieu (2003). Grosso modo, dependendo de nossa origem *sociocultural* e do *campo* (no sentido de Bourdieu), incorporamos uma série de atributos, valores, expectativas, crenças, esquemas mentais, formas de expressão corporal etc: isto é o *habitus*. Ora, se o *habitus* é a “realidade” objetiva incorporada pela nossa subjetividade, não tem como escolhermos o companheiro (a) sem a sua interferência, que nem sempre é de forma consciente. O *habitus* é:

...então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano... O *habitus* é uma subjetividade socializada (SETTON, 2002, p.63)

Existem vários *habitus*: familiar, feminino, masculino, ligado ao *campo* (campo da sociologia, campo da arte, campo da religião etc) em que se vive entre outros. Certamente o *habitus* de *classe* parece que tem uma importância muito acentuada no processo de escolha do amor, isto porque, por um lado, *nosso estilo de vida, nossos valores, nossas preferências estéticas* não são aleatórias, isto é, elas estão mais ou menos estruturadas por meio do *habitus* de *classe*. Portanto, “os concubinos tanto quanto os casados elegem seus parceiros segundo uma semelhança social e cultural” (SINGLY, 2007, p. 98.). Por outro lado, há uma segregação sócio espacial muito evidente entre as classes sociais, que nos últimos anos parece que se

2 Isso sem falar nas diferenças de inúmeras origens, que podem interferir na relação, tais como, de gênero, de idade, de raça, de sexo, de classe, de religião entre outras. Inevitavelmente surgirão conflitos em razão dessas diferenças, que quase sempre são também formas do outro se revelar: “conhecemos o outro no conflito, falamos e escutamos verdades (que nem sempre convém) nem sempre ditas”.

*acentuou* muito com a presença marcante, nas cidades brasileiras, de residenciais fechados e aumento de instituições de ensino particulares, bem como vários espaços de lazer e de consumo exclusivos para cada segmento social. Ora, a referida segregação sócio espacial contribui muito para que as *escolhas do amor* sejam circunscritas a determinados espaços sociais onde há interação social apenas de membros de pertencentes a um determinado segmento social, significando dizer que há a interferência dos pais que acabam “propondo espaços sociais nos quais seus filhos terão mais chance de encontrar eventuais parceiros do mesmo grupo social” (SINGLY, 2007, p. 99).

## O Amor Próprio

Se as principais diretivas de nossa existência têm muito a ver com o *amor paixão*, o que dizer o do *amor próprio*? Devemos ressaltar que, antes de discorrer melhor sobre o assunto, *gostar* de nós mesmos não implica em *algo absoluto*, odiamo-nos as vezes por inúmeras razões: não temos o corpo que almejamos, a inteligência que gostaríamos, a desenvoltura que sonhamos, a elegância que fantasiámos... a lista é longa. Paradoxalmente, mesmo se tivéssemos o que desejamos, também não é garantia que poderíamos ter *amor próprio* de forma absoluta. Nossa visão é dialética, uma vez que a contradição é inerente a tudo, inclusive ao que sentimos em relação a nós mesmos, isto é, gostamos e não gostamos da gente, depende da situação da fase da vida, da nossa subjetividade: nada é absoluto.

Iniciamos com algo elementar: ninguém gosta mais da gente do que a gente mesmo. É muito comum, principalmente entre os mais jovens, se pensar que se é tão *importante* para os outros quanto para si, ledor engano! Criamos uma enorme *expectativa* do outro gostar, se entusiasmar, valorizar algo que tem a *ver com a gente* com a mesma *dimensão* que se valoriza a si mesmo. Exceto pessoas que nos amam, jamais o *outro* vai se alegrar com a mesma intensidade com algo de bom que aconteceu com a *gente*. Quando o outro externa contentamento com o que nos aconteceu, *quase sempre* ele simplesmente está fingindo, sendo polido, quer nos agradar. Toda vez que ficamos extasiados com algo que nos aconteceu e *esperarmos* que alguém tenha *mesma empolgação* nos entristecemos, porque nunca o outro ficará tão feliz quanto a gente. A consciência que não somos tão *importantes* para o outro, quanto *para a gente*, deve ser reforçada para que não nos iludirmos em demasia ou achar que o outro não gosta da gente (repetimos, exceto quem nos ama). Convém, por isso, baixarmos a expectativa do outro em relação a gente. Por exemplo, é muito comum perdoarmos quem fez o mau para o outro, quando é para a gente, frequentemente é imperdoável. “Perdoamos facilmente nossos amigos os defeitos que não nos incomodam” (LA ROCHEFOUCAULD, s.d) A série francesa exibida pela Netflix intitulada “Mytho” (2019) é um bom exemplo. Trata-se de uma mulher, Elvira, que tem dupla jornada de trabalho exaustivo, nada valorizada pelos membros da família, seu marido lhe trai com outra mulher e é ausente; enquanto os seus filhos a desrespeitam e nada colaboram para que ela possa viver bem. Um dia, após fazer exames de rotina, simula estar doente para ser valorizada (reconhecida) e realmente consegue chamar a atenção e passa a ser tratada com muito respeito e dedicação pelos filhos e marido, que vivenciam situações de profunda tristeza pela “doença” de Elvira. Contudo, ela é desmascarada e todos (filhos e marido) ficam contra ela, sem a menor compaixão acerca de sua dor, isto é, ninguém consegue dimensionar o porquê que fez aquilo, não notaram o sofrimento crônico (trabalha para todos, está cansada, não é reconhecida, é traída etc.) de Elvira, somente se basearam no *seu* sofrimento particular decorrente da suposta doença da mãe-esposa. Em razão disso, só condenam o mau quando é para eles, quando é para a Elvira, ninguém liga, ninguém nota, ninguém sente.

Sempre imaginamos que somos o exemplo a sermos seguidos, quase sempre, em tudo, supomos sermos melhores que os outros, mais éticos, equilibrados, trabalhadores, *nossa* música é melhor, *nossa* família é exemplar, *nossa* profissão é mais importante, *nossa* casa é mais bonita, *nosso* carro é melhor etc. Tudo que é nosso é “melhor”, frequentemente, na *nossa* imaginação, temos uma grande dificuldade de nos enxergarmos de forma mais objetiva, mais neutra sobre nós mesmos, nossas atitudes, nosso mundo. “Todo homem é de importância vital para si mesmo” (GIANNETTI, 2005, p.149). Existe uma crosta gigante de parcialidade quase in-

transponível, que nos cega para o mais elementar, para o mais óbvio: “Ninguém é bom juiz em causa própria” (ARISTÓTELES *apud* GIANETTI, *apud*, 167, 2005). Tudo que fazemos passa pelo *nosso filtro seletivo*, que entendemos ser exemplar. Podemos reconhecer que nem sempre somos tão superiores assim, mas logo *racionalizamos* um belo argumento que justifique de forma plausível nossa situação, sempre procurando enviesar o argumento a nosso favor, nos isentando de nossos defeitos, falhas e medos. Todos aqueles que estão, segundo nossa avaliação, *acima* da gente são exagerados: “Para quê esse carro tão luxuoso? Essa casa tão grande?” Em contrapartida, todos que entendemos estarem *abaixo* da gente são *insuficientes*: “Esse carro não presta, é velho, perdulário”, “Esta casa não vale nada, o bairro é periférico, o morador certamente é acomodado”... Ou seja, a regra é clara, a saber, frequentemente imaginamos sermos o *parâmetro ideal* para avaliar algo. “Quase não encontramos pessoas de bom senso, a não ser aquelas que são de nossa opinião” (LA ROCHEFOUCAULD, s.d). Sempre escondemos *pobreza* e procuramos exibir *riquezas*, isto é, aquilo que entendemos melhor, superior em nos é externado como um troféu: nossa precariedade deixamos que os outros a descubram, porque temos vergonha de exibi-la.

Nesse sentido, a rigor a máxima cristã: “ame o outro como a ti mesmo” é totalmente inexecutável, se a colocarmos em prática é impossível viver, a vida seria totalmente angustiante, penosa, com sofrimento ininterrupto. Porquê? Imagine se nós amássemos o outro, qualquer ser humano como se fosse membro de nossa família? Ao nos informarmos, por exemplo, de inúmeras tragédias, doenças, assassinatos, torturas, miséria etc. se *amássemos todos* que sofrem, sofreríamos infinitamente muito mais, não conseguiríamos dormir, a angústia e o desespero tomariam conta a toda hora da nossa subjetividade a tal ponto que enlouqueceríamos ou provavelmente cometeríamos suicídio para nos livrar desse pesadelo (GIANETTI, 2005). Ainda que tenhamos experiências diversas, conhecimentos diversos, culturas diversas, nada está isento desse filtro individual, que nos induz, comumente, a nos valorizar, enaltecer, se sentir por cima, por isso, julgamos, escolhemos, optamos sempre na falsa certeza individual que estamos repletos de razão. Mas quando o sujeito se sente um nada, impotente, quando as evidências mais do que expressam que o *seu mundo superior* não está em sintonia com um mínimo de realidade? Habitualmente, ficamos lunáticos ou delegamos a alguém que nos represente, isto nutre a sensação que se é superior ainda que de forma puramente fantasiosa.

De um lado, gente lunática há alguns anos atrás era coisa rara, hoje parece normal. Tem gente que acredita que a terra é plana, não acredita em vacinas, que não existe espaço sideral, que não ocorreu a evolução das espécies, tem maluco na extrema esquerda, extrema direita, na religião, na política, no humor... quanto mais *insignificante*, mais doido, extremado: com essa gente não tem conversa, eles dizem: “eu estou certo e pronto!”. A conduta lunática sempre tem um “guru”, um líder, um ídolo. Assim, o inexpressivo “brilha” com a luz do outro, do superior, do líder, isto é muito fácil de perceber com os seguidores no Instagram, o sujeito faz questão de ressaltar que é seguidor do fulano, o sicrano é o seu guru, seu mestre a quem se deve reverenciar. De outro lado, gente que não tem prestígio nenhum, total insignificante, normalmente transfere para o outro o seu “melhor”: o meu time, o meu filho, a minha empresa que trabalho...

## O Amor Amplo

Discorreremos doravante sobre o *amor amplo*, que é o investimento afetivo que fazemos não necessariamente em outras pessoas diretamente, mas tão somente em situações, atividades, objetos, ideias, valores e a tudo que podemos nos felicitar, animar, expressar nosso talento, fazer pensar, se ocupar, ser reconhecido, se emocionar, se superar etc. É notório e evidente a afirmação que se deve *fazer*<sup>3</sup> o que se *gosta*, o que se ama, para se fazer melhor, com mais motivação, mais prazer. Quanto a isto ninguém discorda, uma vez que é algo tão elementar que prescinde discutir. Contudo, não simplifiquemos de forma ingênua o referido argumento, visto que existem diferenças gritantes em termos de oportunidades para quem vive em países pobres e em classes sociais populares. Deixemos o romantismo ingênuo em

3 O “fazer” que nos referimos está ligado a atividade profissional, que nos ocupa boa parte de nossas existências, seja no seu exercício, seja na preparação para realizá-la.

acreditar que *apenas* a vontade e a *determinação* contam na efetivação de projetos de quaisquer naturezas, é evidente que são imprescindíveis, mas há inúmeros casos em que as limitações materiais são tão grandes que impossibilitam o desenvolvimento de algum potencial que tenhamos. Isso sem falar nas condições socioculturais e na distribuição diferente de capitais entre as classes sociais: - capital cultural, social, econômico e estético. Há situações de penúria e privação tamanha que confiscam qualquer possibilidade de se obter algum êxito pelo talento ou esforço que se tem. Exemplos temos aos montes, principalmente em nossa sociedade com profundas desigualdades sociais: quem *escolheu* ser motorista de Uber?, *escolheu* ser coletor de material reciclável?, *escolheu* ser empregada doméstica?, *escolheu* ser prostituta?, *escolheu* ser bandido?, *escolheu* ser motorista? Etc.

Paradoxalmente, somente conseguimos encontrar energia, criatividade, impulso, estímulo, dentro de nós *quando existem barreiras* que nos tolgem, reprimem, obstaculizam de várias formas o que almejamos. É claro que tais barreiras podem ser - é frequentemente são para a maioria da população de classes populares – intransponíveis, como apontamos anteriormente. Se fazer o que se gosta vai depender das oportunidades existentes na forma de organização da sociedade, o acesso aos bens e serviços, que podem viabilizar o êxito de alguém é quase totalmente dependente do Estado por meio de políticas públicas ligadas à educação, cultura, lazer etc., bem como uma estrutura socioeconômica que distribua de forma mais equânime a riqueza produzida na sociedade. Os filósofos gregos antigos (Platão e Aristóteles) diziam que a virtude, entre outras coisas, é fazer algo que esteja em sintonia com a nossa natureza, com o nosso potencial inato. Mas será mesmo que existe esta natureza? Nasceu para isto ou para aquilo? Não negamos que possa haver algumas tendências do indivíduo ligadas à sua personalidade, temperamento e inteligência que são inatas das pessoas (que tem influência genética), mas afirmar que temos um “dom” da natureza para se fazer isto ou aquilo, em nossa visão, não se sustenta. É muito simplista dizer que alguém exerce bem algo por ser um “dom natural”. E a biografia do sujeito? E a dimensão sociocultural? E os capitais culturais, estéticos, econômicos e sociais recebidos da família? Nessa linha, entendemos que no máximo o atributo natural influencia, nunca determina.

Feito essas ressalvas, como afirmar que o interessante é fazer o que amamos se nem sempre isto é possível? É fundamental correr na busca do que se almeja, do que se sonha, mas, como dissemos, nem sempre isto é exequível, porque muitas vezes transcende a dimensão individual, pois está ligada a esferas socioeconômicas. Muito mais sensato é *aprender a gostar do que se faz*, isto pode parecer uma visão resignada e comodista para muitos, talvez, mas não necessariamente. Ou seja, o ímpeto transformador deriva do desconforto, da insatisfação e o gostar de algo pode levar ao comodismo, verdade? Pode ser. Contudo, procurar gostar de algo não significa que não possamos vislumbrar possibilidades para se crescer, mudar, se realizar. Tentar aprender a gostar do que se faz é talvez a regra para a maioria da população, que é tolhida na possibilidade de plena realização, principalmente no mundo do trabalho onde, quase sempre, a “escolha” é relativa, como já falamos anteriormente. É evidente que podemos jamais gostar do que trabalhamos, e o fazemos apenas pelo salário que recebemos. Por um lado, entendemos que há pessoas que realmente a mudança de atividade seria quase impossível (talvez impossível), pela idade, pelo grau de instrução, pelas oportunidades etc., porém, parece também razoável se questionar quantas dessas pessoas não utilizam estes argumentos (oportunidades, idade etc.) como pretexto para continuarem na mesmice de sempre e, mesmo insatisfeitas, continuam realizando algo que não suportam. É como elas dissessem “time que está *jogando* não se mexe”, isto é, mesmo *perdendo* e somente jogando na *retranca* não deixam o transcorrer desse jogo, que é insosso. Cada um tem sua razão para tanto, mas há três grandes tendências para se atuar deste modo: compensação, insegurança, “medo da felicidade”<sup>4</sup>. 1-Faz-se algo chato pela regra óbvia da *compensação*, é como se o sacrifício ao insuportável fosse *menos danoso* que os efeitos compensadores. Exemplos temos aos montes.

4 Vamos utilizar este importante conceito de Flavio Gikovate (1984): “medo da felicidade”, que é tão somente um receio, uma sensação de desconforto ao nos aproximarmos de algo que nos traz contentamento, deste modo as vezes se enalte o desconforto e o sacrifício visando aplacar essa sensação de que coisas prazerosas e nos felicitam traz, junto delas, coisas ruins, desgraças, o que, evidentemente, nem sempre procede.

Quem não conhece profissionais insatisfeitos pelo seu trabalho, por razões diversas, mas se *compensa* pelo ganho econômico ou prestígio social. Jamais vamos ouvir de alguém que ganha bem no seu trabalho e tem reconhecimento dizer: “vou deixar tudo!” Quem diz isto, é aquele que não tem nada! A coragem quase sempre é sinal daquele que não tem nada a perder, “quem tem teme”, é prudente, o medroso vive constantemente calculando suas ações e tentando se blindar de vários modos. 2-Faz-se algo chato, *mas seguro*, por receio de trocá-lo por algo *incerto*. Neste aspecto, há nuances diversas inerentes à personalidade, idade, condição socioeconômica, atividade que se exerce etc. Ou seja, todos estes quesitos acabam interferindo em não trocar o “certo pelo incerto, o seguro pelo inseguro”. Um exemplo. Pessoas mais jovens tendem a serem mais arrojadas do que aqueles de meia idade ou idosos, enquanto estes são tendem a serem mais conservadores, aqueles, por razões diversas, são muito mais receptivos aos riscos e, por conseguinte, não se acomodam com facilidade. 3-Faz-se algo chato pelo “medo da felicidade”. É como se o trabalho maçante fosse suportado para não se sentir o desconforto de algo que nos traz contentamento, pois, segundo Gikovate (1984), tendemos, por conta desse medo, a não procurarmos algo que nos traz, prazer, contentamento. É como se felicidade trouxesse coisa ruim, e concomitantemente, se enaltece o sacrifício e o desprazer.

### Considerações Finais

A tipificação a qual apresentamos sobre o tema ficou incompleta, visto que existem inúmeras outras formas de se amar em que não foi contemplado, a saber, *amor ao sacrifício*, *amor à vida*, *amor à religião*, *amor à violência* entre outras. Temos plena consciência acerca da insuficiência do acervo conceitual, entretanto, a proposta que apresentamos é oferecer subsídios para podermos pensar, discutir e aprofundar sobre o tema. Ademais, nenhum conceito em que trabalhamos (amor fraterno, amor paixão...) se esgota, pelo contrário, é possível ampliar e se construir outras narrativas com visões diferentes ou que possam agregar novos conhecimentos a partir das reflexões em que realizamos. O espaço limitado para o presente artigo não permite ampliar e aprofundar as referidas questões e inúmeras outras que certamente seriam relevantes para se investigar mais a fundo sobre esse tema e suas múltiplas implicações, sejam elas de âmbito sociocultural, mas, sobretudo, atinentes ao universo da subjetividade.

Outro aspecto que consideramos relevante ressaltar é que talvez nossa análise não tenha contemplado as estruturas socioeconômicas existentes em nossa sociedade, ainda que façamos menção às classes sociais e as condições socioeconômicas. Falamos isto porque consideramos importante o cuidado que se tem de ter, ao se falar de amor, em não se cair em armadilhas ideológicas ao se enfatizar pessoas, deixando invisíveis estruturas socioeconômicas e concomitantemente as classes sociais. Por exemplo, quando abordamos o *amor paixão* e ressaltamos o individualismo, enquanto o *amor fraterno* a dimensão relacional se sobressai. Ora, a visão individualista não é neutra e não pode ser naturalizada, ela está associada diretamente a visão liberal, que foi construída a partir da modernidade com a cultura burguesa. Assim, sempre quando ela é apresentada, por exemplo, nos meios de comunicação de massa, expressa valores burgueses, a saber, consumismo, hedonismo, estilo de vida burguês etc. A visão relacional também não pode ser isenta de questões mais politizadoras: quando ela se faz presente, mais intensamente, nas classes populares (trabalhadora e pobre) ela revela a existência de condições materiais precárias para as referidas classes sociais, uma vez que ela está diretamente ligada a solidariedade “imposta” pelas adversidades socioeconômicas destes grupos sociais.

Também cabe registrar que esta temática do amor deve ser pensada à luz dos processos emancipatórios, seja individualmente, seja coletivamente. Quando se fala em emancipação quase sempre evocamos inúmeras questões ligadas à dimensão sociocultural, tais como, a luta das mulheres para emancipação, dos Sem Terra, dos trabalhadores urbanos, dos índios, dos Afrodescendentes entre outros. O processo de emancipação se configura numa luta pela liberdade, pela igualdade de direitos ou ao seu acesso, mas sobretudo está profundamente imbricado com o conhecimento, não há emancipação sem conhecimento e vice-versa “não

podemos estar completamente livres sem ter conhecimento perfeito, nem podemos adquirir conhecimento perfeito sem que vivamos em condições de completa liberdade” (GEUS, 1988, p.15). O amor é um sentimento de importância suprema, como dissemos, “amor é coisa séria”, como ficarmos alheios de se conhecer melhor algo tão crucial em nossas vidas? Pode-se falar em “emancipação a partir do amor? ”: tão importante em se saber acerca das estruturas socioeconômicas quase sempre invisíveis que nos oprime, nos explora, nos faz sofrer, é fundamental pensarmos, discutirmos e, é claro, vivenciamos tudo quer o amor pode nos oferecer e, talvez, muito mais.

#### Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FÁVERO, VITALE & BAPTISTA. **Famílias de crianças e de adolescentes abrigados**. São Paulo: Câmara brasileira do livro, 2008.

FREUD, Sigmundo. **O mal estar na civilização**. Rio de Janeiro: 1987 (obras completas de Sigmundo Freud).

\_\_\_\_\_. **O poeta e a fantasia**. São Paulo: Delta, 1959. (obras completas de Sigmundo Freud).

GIANETTI, Eduardo. **Auto engano**. São Paulo: Cia da Letras, 2005.

GEUSS, Raymond. **Teoria crítica: Habermas e a escola de Frankfurt**. Campinas: Papyrus, 1988.

GIKOVATE, Flávio. **Ser livre**. São Paulo: MG Editores Associados, 1984.

\_\_\_\_\_. **Namoro. Relação de amor e sexo**. São Paulo: Moderna, 1994.

LA ROCHEFOUCAULD. **Máximas e reflexões**. São Paulo: Editora Escala, sd.

SETTON, M. da G. J. **A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: Uma leitura contemporânea**. *Revista Brasileira de Educação*, 20, 60-70, 2002.

SINGLY, François. **Sociologia da família contemporânea**. Tradução Claice E. Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SPONVILLE, André Comte. **O capitalismo é moral?** São Paulo: Martin Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **O amor**. São Paulo: Martin Fontes, 2011.

Recebido em 13 de setembro de 2020.

Aceito em 26 de maio de 2021.